

# estamos, de fato, dispostos a mudar?

por Ana Biglione

Ativismo. O que essa palavra significa pra cada um de nós? Onde nos consideramos ativistas na nossa vida e onde não nos consideramos? Será o ativismo uma opção?

Quando li "Ativismo delicado, uma abordagem radical para mudanças"[1] de Allan Kaplan e Sue Davidoff, me senti convidada a olhar o ativismo como uma atividade inerente ao ser humano. Eles afirmam que "nós levamos nosso pensamento a criar o que 'realmente enxergamos' como percepção pura", ou seja, nos provocam a entender que não somos passivos ao que nos acontece, pelo contrário, que nosso pensar é ativo e organizador, que ele cria e participa daquilo que estamos vendo.

Quando pensamos fazemos escolhas do que queremos dar foco e de como compreendemos algo. Isso acontece o tempo todo: ao falar, ao ouvir, ao interpretar... Eles também nos chamam atenção ao fato de que a maioria dessas escolhas acabam não sendo conscientes. A gente nem se dá conta de que está escolhendo e influenciando ativamente a realidade à nossa volta. Ou seja, acabamos por nos tornar um tipo perigoso de ativista - um ativista inconsciente - que nem percebe o que tem realmente criado.

Algo que me marcou muito quando vi o documentário "Ouvir e Agora"[2] foi o processo dos surdos que, já a uma certa altura da vida adulta, ganham acesso à escuta. A maneira como ouvem é muito diferente de quem foi aprendendo a ouvir desde pequeno. Nós - ouvintes desde que nascemos - somos capazes de conversar enquanto toca uma música de fundo, não prestamos atenção ao som do teclado do computador, e nem ouvimos o som dos nossos pés tocando o chão ao andarmos. Nosso ouvido é ativista - ele escolhe e organiza o que quer ouvir. E deixa os demais sons em pano de fundo, em perspectiva. Fazemos escolhas e por isso somos capazes de não enlouquecer com os sons. É por isso que é tão difícil para quem não desenvolveu essa habilidade - de escolher e organizar os sons - a aprender a fazer isso, para então poder realmente ouvir.



ativismo delicado

uma prática de  
transformação profunda

REFLEXÕES DE UM ENCONTRO.  
OFICINA SOBRE O TEMA  
MARÇO 2019

---

Da mesma forma que organizamos os sons que ouvimos, organizamos nosso entendimento sobre o mundo, o jeito como escolhemos ler e compreender as situações que nos acontecem. Trazendo um exemplo quase banal, podemos olhar para uma situação que está nos desafiando como vítimas, culpando o acaso e outros envolvidos pelo que está acontecendo, ou podemos olhar para essa mesma situação como algo que tem um sentido em si mesma, da qual sou parte e que todos os envolvidos devem ter uma razão e um possível aprendizado para ter com ela. Meu olhar – de um jeito ou de outro – muda a situação e também transforma as possibilidades de desdobramento que podem nascer dela. No último encontro em que exploramos juntos esse entendimento de ativismo delicado[3], uma participante disse algo que organizei como: “a qualidade da minha presença – e da minha compreensão – em uma determinada situação, definem a qualidade do futuro que está sendo criado por ela”. Podemos então criar futuros saudáveis a partir de uma atenção mais plena e observadora no presente?

Allan e Sue nos alertam para o fato de que vemos as coisas, as situações, mas normalmente não vemos a maneira como as estamos vendo. Não vemos que estamos escolhendo nos ver como vítimas, por exemplo. “Tantos são os pressupostos que se insinuam em nosso modo de enxergar – sem percebermos, sem nos darmos conta – que podemos acabar herdando um mundo que nos foi dado por outros, ao invés de ver o mundo que está sendo criado por meio de nossa participação intencional a cada momento.” Crescemos aprendendo a organizar as coisas de um determinado jeito e, assim como é desafiador para os surdos organizar sua escuta,

é desafiador pra gente organizar as coisas de um jeito diferente daquele que aprendemos e que estamos acostumados. Para que sejamos capazes de fazer isso, precisamos nos convidar a estar intencionalmente acordados – buscar olhar não apenas para as situações, mas também para o modo como estamos olhando pra elas. É justamente quando a gente consegue olhar para o modo que estamos olhando para as situações – para o pensar que está ganhando vida através delas – que talvez consigamos ver o mundo que estamos criando e perceber qual tem sido nosso real ativismo.

Na maioria das situações em que normalmente consideramos “ativismo”, discordamos de algo que está acontecendo e desejamos mudar este algo ou o seu entorno. Trabalhar com mudança é o cerne do trabalho de um ativista. Ao mesmo tempo, parece que temos nos ocupado com ações de mudança – projetos e atividades cada vez mais estruturadas e profissionalizadas – e temos nos distraído da real mudança que desejamos fazer. Andamos tão ocupados que um reflexo crítico sobre nosso trabalho está sem tempo nem espaço pra acontecer. Queremos “ganhar a luta” e esquecemos de refletir se queremos mesmo ganhar ou se queremos que todos ganhem. Queremos “ganhar a luta” e acabamos por esquecer de nos questionar se o que estamos construindo está sendo, de fato, um ganho.

O que temos entendido por ativismo? É possível ser ativista e ainda assim desejar que todos ganhem? É possível ser ativista e não ter certeza de qual a melhor “saída” pra uma determinada questão? É possível ser ativista a favor de algo tanto quanto ou mais do que lutar contra algo?



## ativismo delicado

### uma prática de transformação profunda

REFLEXÕES DE UM ENCONTRO.  
OFICINA SOBRE O TEMA  
MARÇO 2019

Na conversa final desse encontro, uma participante trouxe uma fala sobre a dificuldade de comunicação que costumamos ter com quem pensa diferente de nós. Ela diz se dar conta de que essa dificuldade de comunicação parece ter a ver com a forma de se comunicar, mas também com uma não disponibilidade para compreender mais profundamente a nós mesmos, ao(s) outro(s) e eventualmente ao contexto. Quando a conversa se dá em um âmbito superficial de entendimento, que lida com aquilo do que se trata a partir de fora, de opiniões e ideias que não consideram uma perspectiva mais ampla que inclua aqueles que estão conversando, o mais comum de acontecer é um embate. Opiniões diferentes que se encontram e que não têm pra onde seguir. Quando usamos da conversa para uma compreensão mais profunda e ampliada da situação ou do tema – seja ele qual for, quando nos abrimos para entendermos a nós mesmos e ao outro como parte dessa situação, abrimos caminhos para que possíveis encontros possam acontecer. Talvez as opiniões não mudem imediatamente, mas uma compreensão mais complexa possa ganhar vida e abrir espaços para mudanças futuras. Agora: isso exige também de nós a mudança que esperamos do outro.

“Somos seres intencionais e devemos ser disciplinados para ter essa intenção de abertura e

receptividade, do contrário vamos acabar nos impondo e deixando a presunção tomar conta, ou nos fecharemos; daremos lugar ao tédio, ao conservadorismo, ao fundamentalismo, à preguiça. Um ativismo delicado, seja lá o que ele fizer, tenciona a abertura e receptividade, tanto quanto seu desejo por mudança. Ele busca mudar o mundo estando aberto à possibilidade de ser mudado pelo mundo”, é o que dizem Allan e Sue.

A delicadeza da qual estamos falando aqui não tem necessariamente a ver com polidez ou simpatia, mas sim com essa abertura, com uma receptividade ativa que nos permite colocar atenção à intencionalidade que está vivendo em determinada situação e à realidade que nós mesmos estamos criando com a nossa postura frente a ela. Traz consciência para o que estamos vendo e para como estamos vendo o que vemos.

Isso pode parecer mais óbvio (e mais fácil) quando se trata de algo que evidentemente está saindo de seu prumo, quando, por exemplo, alguma iniciativa que atua com bem-estar se depara com o fato de que as pessoas que trabalham lá estão exauridas de tanto trabalhar, ou ainda sendo muito mal remuneradas. Outro

"É justamente quando a gente consegue olhar para o modo que estamos olhando para as situações - para o pensar que está ganhando vida através delas - que talvez consigamos ver o mundo que estamos criando e perceber qual tem sido nosso real ativismo."



exemplo é quando uma iniciativa de direitos humanos de uma minoria, em nome da defesa desse grupo, acaba sendo agressiva ou violando direitos de outros grupos. A violência que desejava dissolver, se mantém.

Mas há os exemplos ainda mais complexos e que exigem mais desse esforço que chamamos de estarmos “intencionalmente acordados” para vermos o que de fato estamos transformando e criando. Esse enxergar demanda uma outra organização do nosso pensar e “olhar” que nos é tão custoso quanto o ouvir “qualificado” dos surdos adultos. É desafiador, mexe com a gente e, por vezes, não conseguimos fazer sozinhos - precisamos de ajuda. Precisamos do outro para nos ajudar a criar distância, a ver mais perspectivas e camadas, e até mesmo a nos ajudar a ter coragem para nos confrontarmos com nós mesmos e sermos críticos, abrindo mão de nossas próprias certezas para que possamos realmente ver.

Muitas vezes, quando me pego pensando nessa complexidade das situações menos óbvias, me lembro de uma pequena história escrita pela Carla Ferro que diz:

*“Se você preza a benzedeira, faça tudo, mas faça um favor. Não lute por ela. Vá se benzer. Ser reduzida a agente de saúde é a pior coisa que podia acontecer à Dona Maria da minha infância! Agora o psiquiatra teme que a consulta a uma benzedeira “venha substituir ou retardar a procura por atendimento médico”.  
Daqui a pouco o movimento pelo reconhecimento das benzedeiros vai convencê-las de que precisam de um Conselho e um código de ética. Vai ter formação pra benzedeira! Certificado e lei pra que atuem em hospitais. É triste o mundo da luta por direitos.”[4]*

Quanto de nossos ativismos não se tornaram distrações que acabam por manter a mesma dinâmica social que desejamos mudar? Não é simples perceber, ou reconhecer, quando nosso ativismo se tornou conservador. Quando nossas iniciativas acabaram cooptadas pelo status quo atual, que tanto desejamos mudar. Quando perdemos a perspectiva do todo, nos desconectamos do sentido, e focamos, distraidamente, na superficialidade da ‘fazeção’. Quando, simplesmente, nos distanciamos da real essência da mudança tão desejada.

Essa prática de um ativismo delicado - em que buscamos nos manter intencionalmente acordados frente ao nosso próprio praticar - nos convida a carregar com coragem, como estrelas-guia da nossa atuação, exatamente esse tipo de pergunta: que não é simples de responder e que, justamente por isso, nos provoca, nos desperta. Os exemplos, como esse da Dona Maria, estão por todos os lados. Caímos - todos nós - em suas armadilhas, muito mais do que gostaríamos e sem nem perceber. Reconhecê-los em nossa própria prática é nosso desafio e também nossa responsabilidade enquanto ativistas.

Seremos, então, capazes de olhar com profundidade não só para o que fazemos, mas para ao que estamos dando vida, ao fazer do jeito que fazemos aquilo que fazemos? Seremos corajosos para, diante de perspectivas que questionam o nosso fazer atual, nos dispor a considerá-las? Em nome da mudança que desejamos, estamos, de fato, dispostos a mudar?

#### Referências

- [1] Kaplan, A. & Davidoff, S. (2014) O Ativismo Delicado. The Proteus Initiative. (<http://institutofonte.org.br/node/1248>)
- [2] Brodsky, I. (2007) Hear and Now, Documentário. Vermilion Films, Estados Unidos. (<https://www.youtube.com/watch?v=g9SGoWnzMUw>)
- [3] Biglione, A. (2019). Anotações pessoais do encontro “Ativismo delicado: uma prática de transformação profunda”, realizado pela Noetá em março de 2019.
- [4] Ferro, C. (2017) É necessário, o impossível. São Paulo: (n.p.).

ativismo delicado  
uma prática de  
transformação profunda

REFLEXÕES DE UM ENCONTRO:  
OFICINA SOBRE O TEMA  
MARÇO 2019